DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

POR UMA EDUCAÇÃO NÃO GENERIFICADA: MULHERES E A PRÁTICA DO FUTEBOL NO CENÁRIO BRASILEIRO

FOR A NON-GENDERED EDUCATION: WOMEN AND THE PRACTICE OF SOCCER IN THE BRAZILIAN SCENARIO

POR UNA EDUCACIÓN SIN GÉNERO: LAS MUJERES Y LA PRÁCTICA DEL FÚTBOL EN EL ESCENARIO BRASILEÑO

Mayara Teodoro de Oliveira
mayara.teodeoli@gmail.com
Doutorado em Administração (UFSC)

Cássia Cristina Furlan
cassiacfurlan@gmail.com
Doutorado em Educação - Universidade Estadual de Maringá.
Professora (UFGD)

RESUMO

O futebol é uma das mais tradicionais modalidades esportivas no Brasil, socialmente inserida no imaginário dos indivíduos como uma identidade nacional. No entanto, é preciso ponderar a importância de ressignificar seus sentidos, declarando que esse espaço também deve ser das mulheres. Nessa direção, este estudo analisa as perspectivas e dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino em âmbito nacional e os impactos de uma educação generificada na consolidação da participação efetiva das mulheres. Para seu desenvolvimento, foi elaborado um questionário e realizada pesquisa com o intuito de coletar informações referentes à visão de mulheres que praticam futebol quanto a sua jornada enquanto jogadoras dessa modalidade esportiva. Contou-se com uma população formada por mulheres que praticam futebol em cinco regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A amostra é composta por 171 mulheres, sendo 170 mulheres cisgênero e uma transgênero, com idades entre 11 (onze) e 59 (cinquenta e nove) anos (CAAE 23446919.1.0000.5160). Concluiu-se que até os dias atuais a falta de incentivo e o preconceito têm sido determinantes na trajetória das mulheres praticantes de futebol e enfatiza-se a importância de uma Educação Física escolar não generificada, que possibilite oportunidades igualitárias à prática esportiva para meninas e meninos.

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Identidade nacional.

ABSTRACT

Football is one of the most traditional sports in Brazil, socially inserted in the imagination of individuals as a national identity. However, it is necessary to consider the importance of re-signifying their meanings, declaring that this space must also belong to women. Therefore, this study analyzes the perspectives and difficulties faced by women's soccer at the national level and the impacts of a gendered education in the consolidation of the effective participation of women. For its development, a questionnaire was developed and research was carried out in order to collect information regarding the vision of women who play soccer regarding their journey as players of this sport. There was a population formed by women who play soccer in five Brazilian regions, North, Northeast, Midwest, Southeast, and South. The sample consists of 171 women, 170 of which are cisgender women and one transgender, aged between 11 (eleven) and 59 (fifty-nine) Years (CAAE 23446919.1.0000.5160). It is concluded that, until the present day, the lack of incentive and prejudice have been decisive in the trajectory of women who practice soccer, and the importance of a non-gendered school Physical Education is emphasized, which allows equal opportunities to practice sports for girls and boys.

Keywords: Soccer. Gender. National identity.

RESUMEN

El fútbol es uno de los deportes más tradicionales de Brasil, socialmente inserto en el imaginario de los individuos como identidad nacional. Sin embargo, es necesario considerar la importancia de redefinir significados, declarando que este espacio también debe pertenecer a las mujeres. En este sentido, este estudio analiza las perspectivas y dificultades que enfrenta el fútbol femenino a nivel nacional y los impactos de la educación con perspectiva de género en la consolidación de la participación efectiva de las mujeres. Para su desarrollo se elaboró un cuestionario y se realizó una investigación con el objetivo de recolectar información respecto a la visión de las mujeres que practican fútbol respecto a su recorrido como jugadoras de este deporte. Se utilizó una población de mujeres que practican fútbol en cinco

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

regiones brasileñas: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste y Sur. La muestra está compuesta por 171 mujeres, 170 mujeres cisgénero y una transgénero, con edades comprendidas entre 11 (once) y 59 (cincuenta y nueve) años (CAAE 23446919.1.0000.5160). Se concluyó que hasta el día de hoy, la falta de estímulo y prejuicios han sido determinantes en la trayectoria de las mujeres que practican fútbol y se enfatiza la importancia de la Educación Física escolar no sexista, que permita igualdad de oportunidades para la práctica deportiva de niñas y niños.

Palabras clave: Fútbol. Género. Identidad nacional.

INTRODUÇÃO

O futebol é amplamente reconhecido como uma das modalidades esportivas mais tradicionais do Brasil, profundamente enraizada no imaginário social do país. Essa forte conexão faz com que frequentemente se utilizem expressões como "país do futebol" ou "pátria das chuteiras" para descrevê-lo. Apesar da crescente visibilidade do futebol feminino no contexto brasileiro, ainda é perceptível que o país carrega uma série de preconceitos ainda visíveis no cenário esportivo feminino (Brancher et al., 2022; Martins et al. 2021).

As pesquisas sobre o futebol feminino têm avançado no Brasil (Martins et al., 2021), mas ainda há lacunas, especialmente em relação aos marcadores sociais de gênero nesta prática. Historicamente, o futebol feminino no Brasil sofreu interdições e silenciamentos ao longo do século XX, a exemplo da proibição formal da prática da modalidade por meio do Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941, do presidente Getúlio Vargas, que perdurou de 1941 a 1979.

Tal decreto em seu art. 54 previa: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

entidades desportivas do país" (Brasil, 1941, s/p.). Nesse contexto, ficou evidente, ao longo da história, tanto no âmbito esportivo quanto em aspectos mais globais, a construção e naturalização de exclusões destinadas a essa parcela da população. Sendo assim, ao contrário de uma política rodeada por impedimento sem nenhum mérito, faz-se necessária uma política democrática que favoreça a busca pela igualdade.

A proibição do futebol feminino no Brasil teve fim após muita luta e resistência das praticantes da modalidade. Ocorrências policiais jornalísticas do ano de 1979 exibem, por exemplo, muitas histórias de mulheres que foram perseguidas pela polícia e jogos que foram interrompidos, (Mendonça; Nina, 2018). Entretanto, as exclusões acabaram acarretando manifestações que surgiram como forma de luta por visibilidade, ou, como levantado por Butler (2018), modos de expressar e demonstrar a condição precária e que possibilitam aquilo que ela vai denominar de corpos em aliança que buscam manifestar-se, vislumbrando maiores possibilidades de serem ouvidos e reivindicarem existências ativas enquanto cidadãos com direitos comuns a todos aqueles que pertencem à sociedade.

No entanto, por mais que o momento libertador do futebol feminino – em 1979 quando a proibição deixou de existir – possa ter proporcionado mais força às mulheres futebolistas, gerou, ao mesmo tempo, atrasos e retrocessos no desenvolvimento da modalidade, bem como comprometeu cultural e simbolicamente o acesso de gerações de mulheres a esse esporte por ser socialmente considerado impróprio e "masculinizante" (Mendonça; Nina, 2018).

Ressalta-se que a participação das mulheres brasileiras no esporte acompanha a conquista de espaço em outros cenários sociais, devido à existência de uma sociedade patriarcal na qual o papel desempenhado pelas mulheres era marcado por discriminações, preconceitos e pela ideologia do sexo frágil (Rubio, 2021).

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Infelizmente, as mulheres, ao longo dos tempos, foram constantemente associadas à vulnerabilidade e à fragilidade, além disso, o fenômeno interseccional da discriminação é percebido quando, para além do gênero, classe social, raça, idade, sexualidade e vários outros fatores, propiciam diferenças potencializadoras de discriminação ou injúria. Dessa forma, em relação à materialidade dos corpos femininos e à materialidade do sexo/gênero e da sexualidade em uma sociedade heteronormativa, há restrições quanto aos modos de vida, impondo-se aos indivíduos uma escolha binária baseada nas expectativas de gênero alicerçadas na produção de certa inteligibilidade de gênero – determinando que certos tipos de 'identidade' não podem 'existir' e homogeneizando as identidades no que diz respeito à orientação sexual, como se apenas uma possibilidade fosse passível de existência, a norma heterossexual. Nesse sentido, reproduz regulações que impõem violências e a naturalização de estereótipos e preconceitos (Butler, 1998; 2003; 2018), que perpassam inclusive a prática do futebol por mulheres.

Essas normas sociais levaram a uma predominância do domínio masculino no esporte, invalidando durante muito tempo a experiência atlética como uma possibilidade real para o corpo das mulheres. Em parte, a "fragilidade" feminina era um argumento usual para decidir quais modalidades esportivas as mulheres poderiam praticar, considerando as questões de sua saúde, força física e emocional. Discurso extremamente patriarcal, e ainda colonizador, capitalista, branco e heteronormativo (Rubio, 2011; Saura, 2021).

Nesses termos, os indivíduos enquanto sujeitos se constituem através de um mecanismo discursivo que evoca normas sociais e pretendem construir e reafirmar características concebidas como masculinas ou femininas. Assim, a construção do pensamento a partir da dicotomia masculino-feminino se expressa nos gestos, modos de andar, gostos, "escolhas" e comportamentos, por exemplo (Butler, 2003).

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Em meio a essa realidade social, percebida até os dias atuais, as mulheres que arriscam permanecer no futebol aparentemente associam diferentes elementos e habilidades que se situam além da técnica e tática esportivas, para se posicionarem como mulheres e sujeitos que agem como indivíduos desviantes dos exercícios de poder acionados e apoiados pelas normas de gênero (Silva, *et al.;* 2021).

Por isso, como comenta Goellner (2021), as mulheres, em diferentes tempos e espaços, têm a necessidade de elaborar estratégias para viver o futebol e nele (e por ele) exercer o direito de falar/se expressar. A autora, em seu artigo *"Mulheres e Futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências",* presente em um dossiê temático que analisa a presença das mulheres no futebol, reforça que essa prática esportiva ainda é profundamente atravessada por questões de gênero e por isso se constitui como um tema que ainda merece grande investimento em termos de pesquisa, produção de fontes e visibilidade (Goellner, 2021).

Enfim, as tradicionais atribuições sociais, históricas e culturais do que é ser mulher faz com que as jogadoras de futebol tenham que provar todos os dias que lugar de mulher é onde ela quiser. Por isso, é importante constantemente promover reflexões acerca da participação feminina em esportes considerados culturalmente como masculinos, a fim de promover debates sobre a inclusão e participação de todos/as não apenas nos esportes, mas nas aulas de Educação Física e em todos os espaços que acabam por reproduzir estruturas societárias excludentes.

Nessa direção, este estudo busca fomentar a reflexão sobre o futebol feminino no contexto nacional, oferecendo visibilidade e empoderamento às mulheres no ambiente esportivo. Analisa as perspectivas e desafios enfrentados pelo futebol feminino no Brasil, e os impactos de uma educação generificada na consolidação da participação feminina, com enfoque na Educação Física escolar.

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

MÉTODO

A pesquisa se caracteriza como qualitativa. Segundo Gil (2019), tem sido frequente a utilização de pesquisas qualitativas que se valem da fundamentação fornecida pelas teorias feministas com o propósito explícito de contribuir para melhorar a situação de grupos subalternizados.

Nessa direção, para o desenvolvimento deste estudo foi elaborado um questionário[1] e realizada pesquisa para coleta de dados referentes à percepção de mulheres que praticam futebol quanto à visibilidade e o empoderamento feminino em âmbito nacional nessa modalidade esportiva. Os questionamentos foram realizados com o objetivo de analisar as perspectivas e dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino em âmbito nacional e refletir sobre os impactos de uma educação generificada, sobretudo no contexto da Educação Física escolar, para a manutenção dessas desigualdades no acesso ao esporte. Para tanto, inicialmente foram organizadas questões para categorizar as participantes e, em seguida, diversas questões que potencializavam a narrativa das experiências, dificuldades e perspectivas dessas mulheres quanto ao futebol e o acesso às práticas futebolistas e a permanência nelas.

Contou-se com uma população formada por mulheres que praticam futebol em cinco regiões brasileiras, com destaque para a região Centro-Oeste e Sul (ver Quadro 01).

Quadro 01 - Localidade de residência

1 O questionário foi elaborado pelas pesquisadoras para fins desta pesquisa e passou por revisão dentro do Grupo de Pesquisas ao qual as mesmas se vinculam, para posterior aplicação.

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Região	Estado	Qtde.
Região Norte 5%	Amapá	7
	Pará	1
Região Nordeste 1%	Bahia	1
	Ceará	1
Região Centro-Oeste 51%	Goiás	36
	Mato Grosso	7
	Mato Grosso do Sul	44
Região Sudeste 2%	São Paulo	3
Região Sul 42%	Paraná	43
	Rio Grande do Sul	2
	Santa Catarina	25

Fonte: Autoras (2023).

A amostra é composta por 171 mulheres, sendo 170 mulheres cisgênero e uma transgênero, que concordaram em participar voluntariamente do estudo. Com idades entre 11 (onze) e 59 (cinquenta e nove) anos e em sua maioria (55%) de raça/cor branca, 34%, pardas, 9% amarela, 2% pretas e 1% indígena. Destaca-se que o estudo contou com uma prevalência de jogadoras instruídas, pois cerca de 80% estão cursando ou já concluíram o ensino superior e 76% delas são profissionais que já atuam no mercado de trabalho.

A pesquisa tem parecer do Comitê de ética, vinculado ao projeto de pesquisa institucional cadastrado na Instituição (CAAE 23446919.1.0000.5160). As participantes assinaram TCLE, conforme preceitos éticos de pesquisa.

MOTIVAÇÃO PARA PRÁTICA DO FUTEBOL/FUTSAL

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Percebendo a motivação dos indivíduos ao se envolverem em uma atividade como um fator preponderante no comportamento e nas atitudes, que pode facilitar o desempenho, a aprendizagem e a capacidade de concentração, ou seja, considerando que a motivação tem um papel importante e incentivador no desenvolvimento do atleta, como aponta Reis e Scotá (2013), questionou-se as respondentes quanto aos interesses que as motivaram a praticar o futebol/futsal. Nessa questão, 60% das respondentes dividiram suas opiniões entre paixão e a beleza do esporte, levando à compreensão de que a motivação das meninas para a prática do futebol é algo intrínseco. Elas experimentam uma sensação de bem estar ao realizarem essa atividade, ao mesmo tempo em que sentem um encantamento pelo esporte. Aparentemente a admiração faz com que elas tenham interesse em fazer parte desse mundo, que não deve ser apenas dos meninos, mas sim de quem quiser fazer parte dele.

E essa paixão pelo futebol acaba sendo totalmente independente das normas de gênero que, como discorre Butler (2003), estilizam corpos e demarcam as possibilidades para o uso da matéria biológica, determinando como cada indivíduo deve se expressar nos gestos, modos de andar, gostos, “escolhas” e comportamentos. Até porque essa é uma modalidade “considerada” masculina, ou seja, intimamente ligada aos “padrões” de masculinidade, sendo o corpo feminino culturalmente construído como algo inadequado a essa prática (Reis; Scotá, 2013).

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

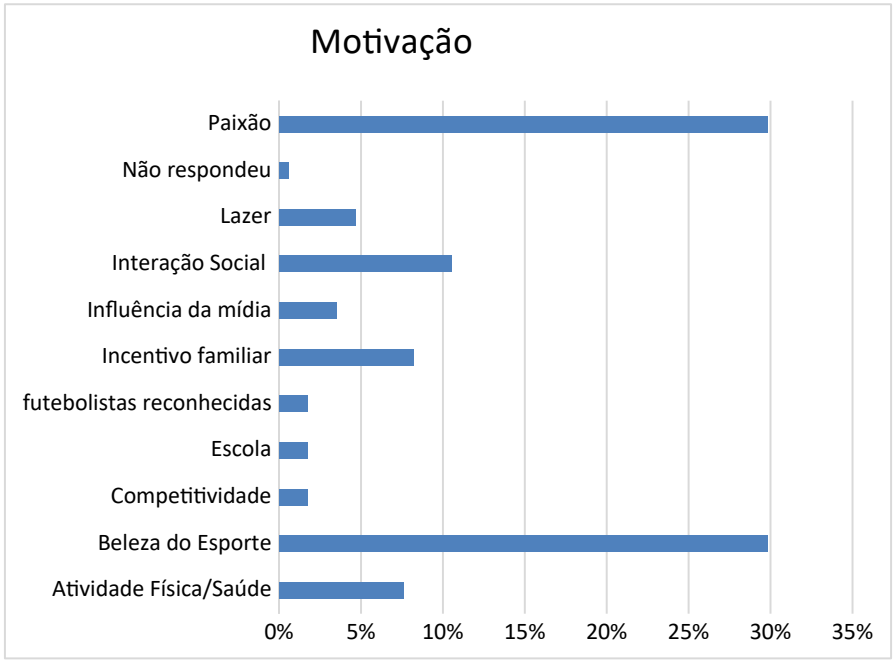


Gráfico 1 - Motivação para prática do futebol
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Dessa forma, contrariando o que a sociedade espera da mulher, uma das respondentes comenta*:* "Meu interesse sempre foi a paixão por futebol, sempre gostei e não sei explicar. É o que me faz bem (Daiane, 31 anos[2])". Elas dizem não saber explicar de onde vem esse amor pelo esporte, mas exaltam o sentimento de felicidade ao estarem em quadra jogando futebol. Muitas delas destacam que o fato de o esporte ser muito reconhecido no país, mesmo que na prática masculina, possibilita perceber sua beleza, o que gera encantamento, e, em alguns casos, faz com que elas queiram de fato cindir com essa lógica generificada, como mostra uma das jogadoras questionadas*:*

> Além de ser um esporte popular, competitivo e muito dinâmico, no meu caso a questão de gênero foi preponderante para alimentar o desejo em praticar o futebol.

2 Os nomes utilizados para identificar as jogadoras são fictícios, visando preservar a identidade e o anonimato das participantes da pesquisa.

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

> Sempre me incomodou frases do tipo: "futebol é coisa de homem", "mulher não sabe jogar bola"... Esses argumentos machistas me impulsionavam a querer jogar futebol e mostrar o contrário aqueles/as que subestimavam a capacidade de menina/mulher em ser uma jogadora dessa modalidade (Fernanda, 32 anos).

Outras dizem se sentirem incentivadas a fazer parte desse mundo ao assistirem excelentes jogadoras e ao observá-las sendo reconhecidas, como Marta e Cristiane (jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino). Existem também aquelas que se motivaram por encontrar no esporte uma possibilidade de lazer e interação social, momento em que podem encontrar amigas com os mesmos gostos e objetivos, mesmo que apenas dentro de quadra, contribuindo para sua saúde física e mental.

EXISTÊNCIA E IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO FAMILIAR

Invariavelmente, até os dias atuais, há uma norma social que se reproduz no universo familiar de que existem ‘papéis’ que devem ser assumidos por meninos e meninas, num contexto generificado, havendo caminhos traçados segundo comportamentos diferenciados e, em muitos aspectos, desiguais em relação ao acesso e às oportunidades. Meninos são presenteados com carrinhos de brinquedo e bola de futebol e as meninas, em geral, com bonecas e utensílios domésticos. Essas influências determinam uma ideologia sexista que distingue "brinquedo de menino" e "brinquedo de menina", oportunizando aos meninos vivências em relação aos "primeiros chutes" antes da fase escolar, enquanto as meninas têm seu primeiro contato com a prática do futebol no início da puberdade (Moura, 2003), quando se permitem transpor as barreiras de gênero no imaginário esportivo. Esse cenário tem-se alterado muito recentemente, mas ainda produz muitos efeitos na educação de meninos e meninas.

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

O preconceito quanto à participação das meninas no futebol está presente nos lares brasileiros, fato perceptível no incentivo diferenciado, visto que quando um menino começa a dar os primeiros passos, tendo contato inicial com uma bola, os familiares matriculam a criança em uma “escolinha”, enquanto as meninas, com raras exceções, ingressam em uma “escolinha”, por conta própria já na adolescência (Reis; Scotá, 2013), estabelecendo-se um lapso temporal e de experiências motoras. Por isso, um fator que pode ser determinante para alterar essa perspectiva em relação às meninas seria o apoio da família para a prática do futebol.

No que diz respeito ao incentivo familiar, 57% (cinquenta e sete por cento) das mulheres responderam que puderam contar com o apoio da família. E quando questionadas sobre a forma como esse incentivo afetou sua vida esportiva, 33% (trinta e três por cento) afirmaram acreditar em influência positiva, enquanto cerca de 25% (vinte e cinco por cento) acreditam não terem sido afetadas.

Das atletas que disseram ter sido afetadas negativamente, nem todas desistiram da prática, mas muitas delas acreditam que esse fator teve influência ao terem parado de sonhar com um futuro no esporte e deixarem de se empenhar ou de pensar em uma carreira esportiva. Outras fizeram uma pausa na prática e acabaram voltando muito tarde. Uma delas relata*:* “Com a falta de incentivo não pude aprender e melhorar as habilidades no futebol, portanto hoje sou uma "perna de pau". Porém, persisto e aprendo com as colegas do time” *(Nádia, 34 anos).*

Para as respondentes, o apoio da família pode contribuir para o crescimento do futebol feminino em âmbito nacional, pois pode estimular o aumento do número de atletas de alto rendimento capazes de se profissionalizar, como se pode inferir a partir desses comentários: “Eu poderia estar jogando futebol profissional e quem sabe ter chegado à seleção brasileira [...]” (Patrícia, 28 anos); “Hoje eu sinto que poderia ter seguido uma carreira diferente, de realmente fazer o que eu amo*”* (Camila, 30 anos).

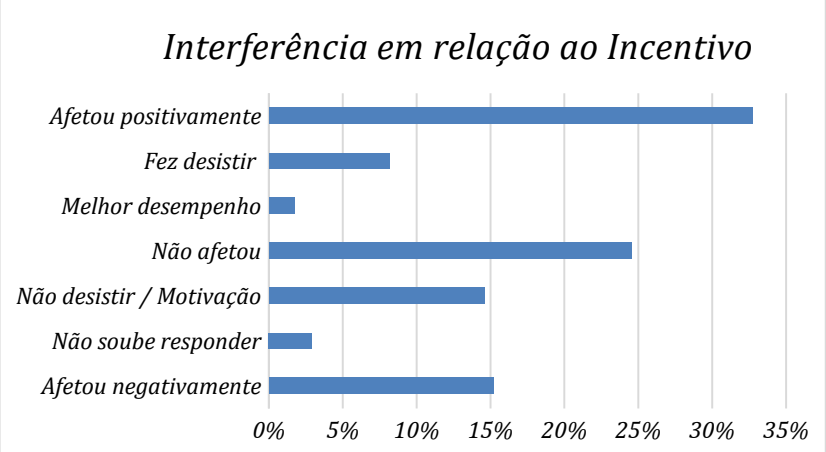
CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Um número aparentemente pouco significativo, mas ainda assim muito representativo das respondentes, 8% (oito por cento), acreditam que a falta de incentivo familiar não apenas afetou negativamente, como ocasionou a desistência da prática. Uma das jogadoras que desistiu, comenta: “Eu deixei de ir jogar por causa dos meus pais. Foi muito difícil, porque na cabeça deles era algo muito incomum e estranho uma mulher gostar de jogar futebol. Acabei desistindo e continuei jogando só por lazer” (Renata, 20 anos). Por outro lado, uma atleta menciona que a falta de incentivo lhe deu força para seguir em frente, por mais que em alguns momentos se sentisse desmotivada.

Gráfico 2 - Interferência do incentivo familiar para prática do futebol



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Mas até mesmo aquelas que contaram com o incentivo familiar acabaram se deparando com outras barreiras: “Meus pais sempre me apoiaram, o problema mesmo é a falta de time, horário e local fornecido para que se forme um time e tenha treinos” (Sandra, 20 anos).

As atletas amadoras também atribuem ao incentivo familiar o bom desempenho que alcançaram e a motivação constante para não desistirem, não apenas do esporte.

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Para elas, esse ensinamento vindo da família contribui para a formação do indivíduo, fazendo com que a pessoa não desista de seus objetivos e sempre busque apresentar o seu melhor em todos os âmbitos.

Enfim, como considera Butler (2018), o gênero está atrelado a expectativas e fantasias de uma sociedade culturalmente heteronormativa. Assim, é possível considerar que da mesma forma que a sociedade tem expectativas sobre o gênero, ela espera que masculinidades e feminilidades sejam expressas através de atos e práticas sociais e culturais, impondo normas e imprimindo uma cultura comum a todos os indivíduos, o que os estigmatiza (Butler, 2018). Dessa forma, cada menina que se propõe a praticar futebol estaria buscando formas de contestar e tentar romper tais normas, e o apoio familiar funcionaria como motor a fortalecer e legitimar a luta.

BARREIRAS AO SE INSERIR NO FUTEBOL FEMININO

As dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino têm transcorrido um longo e árduo caminho, provavelmente por não serem apenas dificuldades materiais, vinculadas a capital e materiais, mas por se tratarem de dificuldades culturais, fazendo com que a prática ora consiga se expandir, ora acabe estagnada ou retroceda em relação às conquistas. Aparentemente, nem bons posicionamentos na Copa do Mundo ou nas Olimpíadas são suficientes para fixar uma estrutura similar à do futebol masculino. Consequentemente, apesar do envolvimento cada vez maior das mulheres com o universo do futebol, a identidade masculina criada e reafirmada ao longo da história desse esporte no Brasil ainda faz com que muitas mulheres sequer se reconheçam no jogo, porque futebol é “coisa de homem”[3] (Franzini, 2005).

3 É interessante observar como esse aspecto ainda se reproduz. Caso recente da atleta Giovanna, de 12 anos, da equipe do Botafogo, chamou a atenção das mídias. Ela atua no sub-13, em times masculinos, dado que não há times e competições femininas de base. Tem sofrido duras faltas nos

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Assim, apesar de o futebol ser uma modalidade esportiva muito reconhecida no Brasil, é perceptível que as mulheres enfrentam inúmeras dificuldades para conseguirem praticar o esporte. Mas existem aquelas que tentam atravessar essas barreiras, por exemplo, desconsiderando e/ou mesmo naturalizando a sua existência. Dentre as participantes da pesquisa, 35% disseram não perceber essas dificuldades, mesmo assim se posicionaram:

> Não vejo como uma barreira que impossibilite a prática, mas percebo que o acesso ao futebol é facilitado aos homens e quando uma mulher decide participar ela tem que enfrentar esse olhar diferente e seus desafios, por ser visto como um mundo masculino (Alessandra, 26 anos).

Foi mencionada a questão do patrocínio e dificuldades financeiras:

> A maior dificuldade eram os patrocínios quando participávamos dos campeonatos que nunca eram os mesmos que do masculino (isso quando conseguíamos). Algumas inscrições tirávamos do próprio bolso para participar, também fazíamos rifas ou venda de espetinhos e pizzas (Hebe, 25 anos).

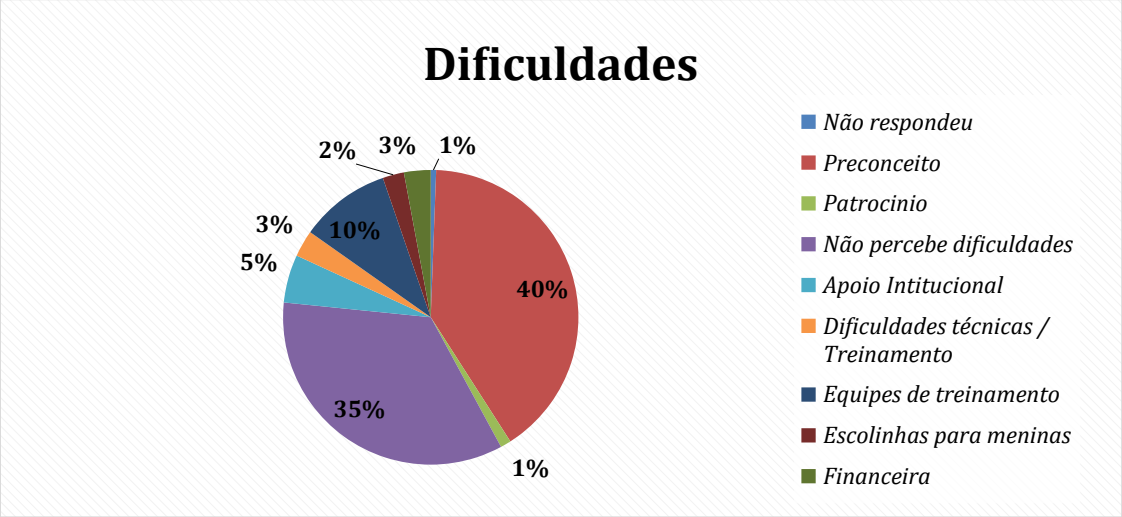
Elas comentam que os times femininos acabam tendo que arcar com as despesas de uniformes, alimentação e estadia, pois aparentemente as empresas não querem seu nome associado a um time feminino de futebol.

Gráfico 3 - Dificuldades enfrentadas para se inserir no futebol de mulheres

jogos, por se sobressair em relação aos meninos e xingamentos e ofensas que vem, em grande parte, dos pais dos meninos que acompanham a competição esportiva. Notícia disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2022/06/23/unica-jogadora-no-sub-13-do-botafogo-giovanna-relata-faltas-duras-e-ofensas-mandam-me-matar.ghtml. Acesso em 29 jun. 2022.

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

As mulheres do futebol também incluem entre as barreiras termos que se associam, como dificuldades técnicas, falta de equipes de treinamento, de escolinhas e de apoio institucional, totalizando 20% (vinte por cento) das respostas relacionadas a esses aspectos. Para elas, a falta de locais e de pessoas engajadas contribui para reduzir a habilidade ou ainda para não conseguir desenvolvê-la.

> A dificuldade na técnica. Os meninos são estimulados desde que nascem a jogar bola com os pés, nas meninas não. Então quando começamos não temos habilidade nenhuma [...]. Começamos adultas com habilidade de uma criança, acho injusto, mas é importante romper com isso (Karina, 27 anos).

Comentam ainda que "É difícil achar lugar para jogar, jogamos só em ambientes privados, os públicos 'são dos homens' são muito desgastantes conseguir jogar em espaço público ou com homens, falta respeito [...]" (Ingrid, 27 anos). Nesse contexto, elas percebem "[...] a total falta de apoio principalmente das prefeituras que recebem verbas para nos dar esse apoio e quase nunca chega até os times" *(Janaina, 30 anos).*

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

As respondentes mencionam que são “[...] pouquíssimos os lugares que ofertam essa demanda do futebol/futsal feminino” (Kelli, 24 anos) e elas acabam enfrentando dificuldade para encontrar escolinhas de treinamento, para encontrar times de treinamento, pois, como afirma Kelli, é “[...] muito difícil fechar time” e isso acaba gerando “a falta de interesse feminino pelo esporte*” (Laura, 24 anos).* E elas acabam vivendo num ciclo vicioso, no qual a falta de espaço para as mulheres faz com que elas tenham que jogar com meninos ou simplesmente desistir da prática.

E uma maioria significativa, 40% (quarenta por cento), destacam o preconceito como a principal barreira que elas precisam ultrapassar. Elas passam por “Preconceitos, julgamentos afinal a sociedade impõe que futebol é coisa de menino, então você sempre acaba associada a homossexualidade independente de ser ou não” (Gisele, 28 anos); “[...] futebol feminino é muito discriminado. Poucas pessoas apoiam e é bem difícil manter um grupo quando não se tem material para treinamento e nenhum patrocínio" (Daiane, 31 anos); “[...] preconceito por parte de outras meninas, preconceito e ódio por parte de meninos que não aceitam que jogue melhor que eles. Dificuldade de firmar em times pois nunca tem incentivo e patrocínio” (Julia, 30 anos). Enfim, uma dificuldade leva a outra e as mulheres têm que seguir sendo fortes e persistentes para mudar essa perspectiva tão visível no país do futebol.

Butler (2018) afirma que somos certamente formados/as pela linguagem, pela cultura, pela história, pelas lutas sociais das quais participamos e, nesse contexto, performamos diferentemente as nossas identidades, ou seja, representamos o que, como e de que modo nos constituímos. Essa representação, afirma a autora, faz parte da própria ontologia do ser. No entanto, ao produzir e naturalizar certa noção social regulada e inteligível de gênero, por exemplo, a sociedade cria mecanismos para assegurar que alguns corpos e possibilidades identitárias, em suas diferentes nuances, possam ser visibilizados e outros não. Nesse contexto, produz-se a noção de abjeção (ou precariedade) de algumas identidades no contexto social. A mulher

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

futebolista, por exemplo, por muito tempo se constituiu como corpo precário, abjeto, fora das normas de gênero e da inteligibilidade relacionada ao ideal de feminilidade.

Essas normas interferem na constituição das subjetividades produzindo efeitos que condicionam as vidas das pessoas dentro de categorias preestabelecidas (Butler, 2018). Ou seja, ainda que as mulheres tivessem interesse em praticar o futebol, sendo este um esporte de contato incompatível com o ideal de "sexo frágil", elas foram e continuam sendo frustradas ou discriminadas por precisarem ser e apresentar feminilidade e sexualidade tradicionalmente normatizadas. Nesse contexto, a sociedade, que há muito já deveria ter internalizado que não aceitar, não compreender o outro, ter preconceito com as diferentes formas de viver são formas de violência, ainda reproduz essas estruturas quando o incentivo é diferenciado, as oportunidades não são igualitárias e não há equidade na valorização para todas que queiram praticar.

VALORIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO

No futebol praticado por mulheres, a palavra valor assume mais de um significado, podendo dizer respeito ao valor de um gol, ao valor da torcida e à valorização profissional, sendo então diversos os valores que convivem com a noção de espetáculo e de mercadoria. Ou seja, prioritariamente, serão valorizados homens que estejam associados a um futebol espetacular, enquanto aos demais indivíduos é rara a visibilidade (Kessler, 2015). Sendo assim, cabe às mulheres serem extraordinárias na prática para alcançarem destaque e conseguirem uma torcida que as acompanhe e um salário digno, por exemplo.

Nesses termos, quanto à valorização do futebol feminino, preponderantemente as participantes da pesquisa acreditam que esse esporte não é valorizado (gráfico 4) "[...] porque vivemos em uma sociedade machista, que apesar dos avanços e

CC BY

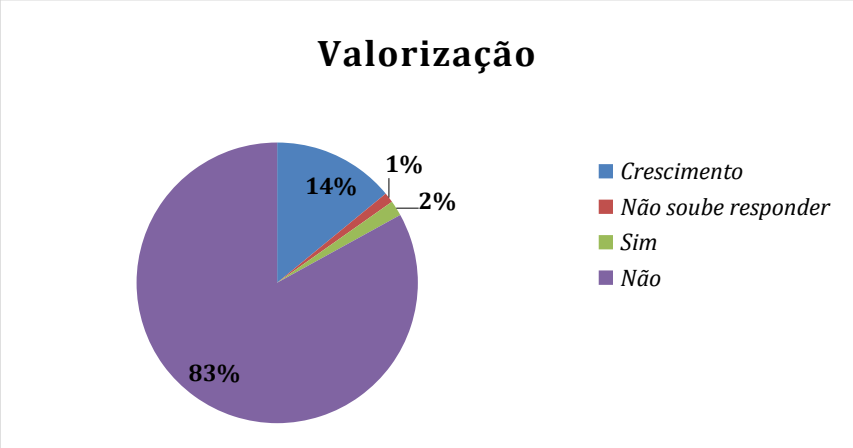
REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

movimentos feministas a maioria pensa que o papel da mulher é de ser mãe e dona de casa e que esse tipo de prática deve ser praticada por homens" (Monica, 22 anos). Entre as respondentes, 83% (oitenta e três por cento) frisaram a não valorização dessa modalidade, principalmente quando comparada à masculina, que recebe toda atenção e incentivos, como observado na fala a seguir:

> [...] o olhar para o futebol/futsal feminino sempre foi muito inferior que o masculino. Ainda há muito preconceito a ser enfrentado para conseguirmos ao menos chegar perto. A valorização pelo poder público também não há (HEBE, 25 anos).

Gráfico 4 - Valorização percebida no futebol de mulheres



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

No entanto, existem aquelas que acreditam na possibilidade de crescimento dessa valorização e percebem uma relativa evolução no olhar do Estado e da sociedade para a modalidade, muito disso devido à representatividade que grandes jogadoras têm alcançado, com destaque para Marta – futebolista brasileira que já foi escolhida seis vezes como melhor jogadora do mundo – "Hoje em dia tem um pouco mais de reconhecimento devido às meninas do Brasil, mas ainda não é valorizado" (Marina, 27 anos). Ainda assim, apesar de parecer estar mudando, ainda é perceptível

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

um longo caminho pela frente, como salienta outra participante da pesquisa: “Hoje é mais valorizado que antigamente, mas mesmo assim não é totalmente. Mulheres continuam sendo julgadas por escolherem jogar, sendo colocadas como objetos, são mais musas do que atletas. Enfim, alguns pontos avançamos, mas ainda falta muito” (Renata, 20 anos).

A abordagem sexualizada das mulheres no esporte sempre foi uma prática comum, mas isso tem mudado nos últimos anos. Destaca-se que a ideia de mulheres serem bonitas antes de serem boas de bola foi regra do campeonato paulista de futebol feminino do ano de 2001, que regulamentava a necessidade de "enaltecer a beleza e sensualidade das jogadoras para atrair o público masculino". No entanto, devido à qualidade do futebol de Marta, Cristiane e companhia, nos dias atuais, não é apenas a beleza que chama a atenção dos jornalistas (Mendonça, 2019).

Outro fator fortemente comentado é a grande diferença entre o futebol masculino e feminino.

> [...] se comparado ao masculino não. O futebol feminino atualmente vem ganhando espaço, ainda mais com a regra de que todos os clubes devem ter uma categoria feminina, mas isso só se mostrou presente graças a ex-jogadora e capitã da seleção brasileira Aline Pellegrino, que atualmente atua diretamente como coordenadora do departamento de futebol feminino da federação Paulista de Futebol. Contudo não são todos os clubes que assinam a carteira de trabalho de suas jogadoras, o patrocínio e apoio das grandes marcas ainda é baixo e não são todos os jogos e campeonatos que são televisionados, a prioridade ainda se mostra maior quando comparamos ao futebol masculino. É válido acrescentar também que essa comparação se mostra três vezes maior quando se fala em futsal feminino (Nicole, 22 anos).

Evidencia-se que as mulheres praticantes de futebol convivem numa realidade imprevisível na qual é difícil até mesmo saber por quanto tempo sua equipe existirá. Dessa forma, o “sonho” de jogar se refere apenas à possibilidade de poder jogar por alguma equipe. Por isso, a luta delas acaba não sendo uma equiparação de salários

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

aos praticantes homens, mas simplesmente uma possibilidade de ascensão em um modelo esportivo que abranja as diferenças (Kessler, 2015).

Apenas três respondentes acreditam que o futebol feminino é valorizado, mas estas não souberam explicar suas motivações para essa consideração. Enquanto isso, as que mencionaram a inexistência de valorização elencaram vários motivos, como:

> Não é valorizado principalmente na estrutura organizacional e cultural dos órgãos regulamentadores nas esferas federais, estaduais e municipais. Não há federação ativa em diversos estados, o máximo que vejo são mulheres que gostam do esporte sem perspectiva de serem algum dia consideradas atletas e profissionais na atividade. Falta gestão do Comitê de esportes brasileiro para que minimize a tabu de que mulher não pode ser atleta de esportes de contato. Falta incentivo financeiros por meio de premiações esportivas além de empatia dos cartolas de grandes clubes brasileiros (Paula, 33 anos).

E ainda existem aquelas que vivenciam essa dura realidade:

> Não é (valorizado), falo isso porque convivo as dificuldades. Por exemplo, o futsal/futebol masculino em uma universidade federal, tem do melhor material. Se falta algo, eles recorrem ao reitor e ele os atende. O futsal feminino é diferente, as bolas são velhas e remendadas [...]. Falta material de treino? Vamos fazer uma vaquinha pra comprar. E sabemos que os meninos só são ajudados porque na maioria das vezes acreditam que os meninos que vão dar visibilidade ao esporte da Universidade. Não colocam fé nas meninas que chegam todos os anos nas finais com materiais sucateados (Carla, 23 anos).

Como relatam Anjos *et al.* (2018), mais do que apenas se dedicarem como atleta empenhando-se em treinamentos, destacando-se entre suas concorrentes, superando problemas pessoais a fim de realizar a melhor performance possível, o esforço das mulheres para se manterem no futebol diz respeito à superação de adversidades relacionadas à falta de estrutura vivenciada pelo futebol praticado por mulheres no Brasil.

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Embora as mulheres pratiquem futebol com as mesmas regras dos homens, a sociedade enxerga que essa prática é realizada por corpos diferentes produzindo um resultado diferente. E essa diferença, geralmente é valorizada na sexualização do corpo “feminino”. Ou seja, são mais valorizados nas jogadoras os atributos referentes à feminilidade, como unhas, cabelos e roupas justas, enquanto elas querem apenas a possibilidade de jogar em um time com estrutura e condições para isso e serem reconhecidas por essa prática (Kessler, 2015).

Sobretudo, como mostra *Wood (2021) em seu artigo “Fifty years of women’s football in placar: from disallowed goals to winning at home*?”, por mais que no Brasil o futebol masculino ainda seja percebido como o esporte nacional, um crescente número de estudos tem se dedicado às questões de gênero. Por isso, seu estudo toma como base as representações do futebol feminino na revista esportiva Placar, durante os anos nos quais o futebol foi proibido, visando entender como se estabeleceram os discursos, textuais e visuais, que serviram para deslegitimar o futebol praticado por mulheres. Nesse contexto, suas reflexões apontam que apenas na atualidade se vislumbra a expectativa de o futebol feminino ser representado em termos esportivos e não totalmente feminizados ou sexualizados. Provavelmente devido a êxitos da seleção de mulheres e ao perfil global que o futebol feminino tem conquistado fornecendo-lhe representatividade na mídia brasileira, sobretudo desde os anos 2000 (Wood, 2021).

Souza et al. (2017) corroboram com essa questão ao analisar as crônicas cujo assunto era a prática feminina de futebol, em seu artigo ‘‘Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira*”.* Perceberam que naturalizadamente os cronistas colocaram suas impressões masculinas nas palavras ao invés de simplesmente as destinarem ao desempenho atlético das mulheres. Santos e Medeiros (2012), ao escreverem sobre *“*O futebol feminino no discurso televisivo*”,* também constataram que se sobressaem

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

nas narrativas sobre o futebol de mulheres o apelo estético em torno das mulheres, em detrimento dos aspectos técnicos e táticos da prática esportivo-competitiva em si, reforçando a necessidade de ressignificação da prática profissional do futebol que deve perpassar todo o processo comunicativo (Santos; Medeiros, 2012).

Enfim, aparentemente antes de serem valorizadas como jogadoras, as mulheres precisam suportar uma supervalorização da estética corporal que as evidenciam no país do futebol. Não basta serem atletas e qualificadas nessa prática. Há uma forte necessidade de serem belas e femininas, principalmente pelo fato de o meio esportivo ainda ser significativamente machista.

A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESTÍMULO AO FUTEBOL FEMININO

Por fim, a última pergunta do questionário tratou sobre a relação da prática e interesse pelo futebol com o desenvolvimento das aulas de Educação Física no período de escolarização, com o intuito de perceber sobre o quanto as aulas (professores/as, colegas, escola) motivavam a participação de meninas no futebol, promovendo uma prática não generificada no contexto escolar.

Ao que tudo indica, o sexo biológico serviu como balizador da organização social e até os dias atuais tenta-se desmitificar esses padrões históricos que separam o masculino do feminino, legitimam a desigualdade e fogem das demandas culturais atuais. Por isso, ainda é possível enxergar dificuldades dentro das práticas esportivas relacionadas à equidade de gênero, partindo da escolha de conteúdos pelos docentes e desembocando na falta de vivências por parte dos/as alunos/as em alguns esportes (Alexandre, 2016).

Tradicionalmente, por mais antiquado que isso possa parecer, nas aulas de Educação Física, o futebol é reservado aos meninos que são identificados como mais

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

“ágeis” e “fortes”, enquanto as meninas, consideradas mais dóceis e frágeis, destinam-se à prática do voleibol ou outra modalidade mais “adequada” a sua condição (Daolio, 1997), o que decorre de vários fatores culturais, a exemplo da legitimação de resistências às práticas não generificadas.

Curiosamente, por mais que muitas das participantes do estudo tenham comentado que iniciaram sua prática do futebol na escola, contrariaram essa informação quando 45% (quarenta e cinco por cento) delas disseram não terem sido motivadas/incentivadas nesse ambiente. Isso quer dizer que até mesmo para praticar futebol na escola elas tiveram que lutar contra o preconceito de colegas e até mesmo de professores/as que destinavam essa prática quase que exclusivamente aos meninos.

Muito disso provavelmente se deve ao fato de no meio escolar ainda existir uma tendência histórica e cultural de se diferenciar segundo questões de gênero, firmando distinções entre os meninos e as meninas nas atividades esportivas, o que consequentemente afasta qualquer transformação que possa interferir no envolvimento esportivo das meninas nesse contexto escolar. Ou seja, a condição das relações sexistas no ambiente escolar reafirma a desigualdade entre os sexos e a divisão das funções sociais, fazendo com que as crianças continuem seguindo valores construídos socialmente e transferidos por várias gerações como verdades únicas (Bortollin, 2011).

Fortalecendo essa ideia, as respondentes comentam: “Na época da escola meu professor de educação física não incentivava muito, geralmente eram poucas meninas que tinham vontade de jogar futebol e os meninos não queriam meninas no time, então acabava que eles jogavam bola e nós tínhamos que jogar vôlei” (Marina, 27 anos). Ou ainda “[...] o futsal era sempre "deles" e as professoras pouco se importavam em passar regras. No ensino fundamental ainda as meninas queriam jogar, mas no ensino médio era uma luta para achar 10 que queriam jogar futsal” (Tatiane, 29 anos).

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Ao mesmo tempo, 55% (cinquenta e cinco por cento) das respondentes atribuem muito valor a tudo que a escola e a aula de Educação Física fizeram de relevante para seus primeiros passos na modalidade. Elas relatam: “[...] na fase escolar geralmente eram formado os grupos/times de futebol feminino para os torneios internos da escola e do município e nessa fase escolar nas aulas de educação física era onde aprendíamos também as regras dos jogos” (Luana, 30 anos); “Todos os esportes que pratiquei tiveram muita relação com os meus professores de educação física. Tive a sorte de encontrar professores, nos anos iniciais da escola, que me motivaram a jogar futebol” (Nubia, 30 anos). E também “[...] participávamos de campeonatos entre turmas e sempre fomos muito incentivadas pelos professores a montar times de futebol feminino” (Angela, 34 anos).

Esses comentários levam à reflexão sobre a necessidade de mudanças na Educação Física escolar, visto que ela é totalmente apta para gerar um canal de diálogo entre docentes e discentes, apresentando-lhes o movimento corporal, as atividades físicas e a necessidade de inclusão. Ela pode proporcionar o exercício físico e também o exercício crítico da cidadania e apresentar uma nova forma de enxergar e conviver com as diferenças, sejam elas de gênero, sexualidade, renda e outras. Todos os corpos podem realizar práticas esportivas; em alguns casos eles só precisarão de adaptações e cabe ao/à professor/a integrar todos no ambiente esportivo da sala de aula.

Dessa forma, a Educação Física precisa se reconstruir, tanto em relação à sua identidade, como disciplina essencial à formação, agregando uma diversidade de conteúdos que possibilite diversas experiências, transpondo barreiras de gênero, quanto no sentido de assumir a responsabilidade de consolidar-se como disciplina que forme para além da prática, ou seja, que valorize a formação humana, igualitária, equânime, respeitosa, e assim por diante. Esse é o papel da Educação Física e ela

CC BY

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.36, p. A1 01-30
Abril, 2025
ISSN: 2177-8183
DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

pode atuar na desconstrução desses paradigmas sexistas, patriarcais, heteronormativos e excludentes, se assumir a sua função.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o presente, muitos esportes ainda são caracterizados como altamente masculinos, e o futebol no Brasil se enquadra nesse cenário. Assim, as mulheres que praticam a modalidade são desqualificadas pelos expectadores, pois estes acreditam que não possuem a mesma intensidade, a mesma força, não são “boas de bola”. Ao mesmo tempo, se elas mostram um desempenho acima da média, são masculinizadas – “não serve”, “também parece um homem” – muitas não conseguem publicidades ou seu rosto estampado nas marcas – “mulher tem que ser feminina” – e até na prática esportiva precisam se vestir de forma a externar essa feminilidade.

Apesar de as mulheres terem alcançado maior representatividade nesse campo, as diferenças quando comparadas ao futebol de homens são evidentes. Portanto, para que isso mude, não se deve pensar apenas nesse mundo desportivo, focando na prática do esporte e suas regras, mas também rever conceitos e normas impregnados na sociedade. É preciso reforçar desde a infância que a mulher pode ser e estar onde ela quiser. Há a necessidade de uma educação não generificada, em todas as instâncias da vida social.

No ano de 2005, em seu texto “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”, Goellner já mencionava que indubitavelmente o número de mulheres praticando futebol estava aumentando, muito devido à visibilidade e conquistas da seleção feminina nacional. Ao mesmo tempo, a autora apontava para a necessidade de se pensar o futebol feminino como um espaço a se conquistar, sobretudo no que diz respeito a ressignificar os sentidos que a ele estão incorporados pela sociedade brasileira, de forma a afirmar que esse espaço também deve ser das mulheres.

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Assim, ao analisar as perspectivas e dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino em âmbito nacional, percebeu-se fortemente na fala das respondentes a falta de incentivo, no sentido mais amplo da palavra, e o preconceito como determinantes em sua jornada.

Pensando esse cenário, salientamos três espaços determinantes que podem contribuir para uma evolução da percepção sobre o mundo do futebol de mulheres: o familiar, o escolar e as instituições de fomento ao esporte, locais onde a Educação Física teria grande destaque e que podem ser geradores de interesse pelas práticas esportivas.

Por mais que existam obrigatoriedades quanto a incentivar o desenvolvimento das categorias de base feminina, bem como compor uma equipe principal feminina estruturada com o intuito de desenvolver o esporte, também será necessário modificar as impressões da sociedade arcaica que ainda se apresenta no país e desqualifica o futebol de mulheres. Por isso, a família e a Educação Física, como representante da escola nessa área, configuram-se como atores essenciais nessa transformação. Enfim, é necessário normalizar a presença feminina em todos os ambientes porque “lugar de mulher é onde ela quiser”.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Vanessa Ukan. **Gênero e esporte: quebrando tabus nas aulas de educação física.** 2016. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação). Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal do Paraná - UFPR. Lapa.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; RAMOS, Suellen dos Santos; JORAS, Pamela Siqueira; GOELLNER, Silvana Vilodre. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-26, jan. 2018.

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo. “Futebol também é coisa de menina”: um estudo sobre o gênero feminino na escola. **Revista Univap,** São José dos Campos-SP, v. 17, n. 30, p. 100-112, dez.2011. ISSN 2237-1753.

Brancher, E. A., Pereira, E. V. P., Moura, L. M. de, Silva, S. R. da, & Dalmolin, A. G. Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo. ***RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol***, v.*14, n.57, p.*72-80., 2022. Disponível em: https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1214. Acesso em 11 nov. 2024.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu,** Campinas - SP, n. 11, p. 11–42, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 240 p.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Tradução, Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266 p.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, Educação Física e Futebol.** 1ª ed. Editora: Unicamp. Campinas, 1997. 152 p.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, Associação Nacional de História - São Paulo, Brasil. vol. 25, núm. 50, pp. 315-328, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. *E-book*. ISBN 978-85-970-2098-4. Disponível em: https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991. Acesso em: 13 ago. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e esporte,** São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr/jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento (Porto Alegre),** v. 27, e27001, jan./dez. 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157. Acesso em: 15 de jun. de 2021. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que Barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.** 2015**.** 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento (Porto Alegre),** v. 27, e27006, jan./dez. 2021. Disponível em: https:// seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/109328. Acesso em: 14 de jun. de 2021.DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.109328

MENDONÇA, Renata. O futebol feminino já foi visto assim - o que diriam dessas imagens hoje? **Dibradoras - Esportes Femininos**, 22 de mai. de 2019. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/22/o-futebol-feminino-ja-foi-visto-assim-o-que-diriam-dessas-imagens-hoje/. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

MENDONÇA, Renata; NINA, Roberta Nina. Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura. **Dibradoras - Esportes Femininos**, 24 de out. de 2018. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/24/para-mulheres-jogar-futebol-ja-foi-caso-de-policia-durante-a-ditadura/. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

MOURA, Eriberto Jose Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** 2003. 135 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Fisica, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274928>. Acesso em: 4 jul. 2021.

REIS, Lindsay Franciane da Costa Melo; SCOTÁ, Tereza Cristina Campos. Aspectos motivacionais no futsal feminino amador de Porto Alegre. **Revista Científica Semana Acadêmica.** Fortaleza, ano MMXII, Nº. 000008, 10 de jul. de 2013. Disponível em: https://semanaacademica.com.br/artigo/aspectos-motivacionais-no-futsal-feminino-amador-de-porto-alegre. Acesso em: 10 jun. 2021.

RUBIO, Katia. **A cordialidade feminina no esporte brasileiro.** In: As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro/ Organizadora Katia Rubio - São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2011. 260 p.

RUBIO, Katia. **Mulheres olímpicas brasileiras: entre ser e estar atleta.** *In:*

CC BY

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.14984365 e-ISSN: 2177-8183

Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta/ Organizadora Katia Rubio. - São Paulo, SP: Laços, 2021. 256 p.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O Futebol Feminino no discurso Televisivo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012.

SAURA, Soraia Chung**. As Mulheres nos Jogos Tradicionais: uma leitura a partir do filme Wappa e dos encontros afetivos.** *In:* Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta/ Organizadora Katia Rubio. - São Paulo, SP: Laços, 2021. 256 p.

SILVA, André Luiz dos Santos; SILVEIRA, Raquel da; KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; JAEGER, Angelita Alice. Treinamento de mulheres atletas: uma análise do instagram de jogadoras da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, e27007, jan./dez. 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110137. Acesso em: 10 jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.110137

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; JENSEN, Larissa. ‘‘Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo’’: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** v. 39, n. 4, p. 355-361. out./dez. 2017.

WOOD , David. Fifty Years of Women’s Football in Placar: From Disallowed Goals to Winning At Home? **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, p. e27002, Jan./ Dec. 2021. Available at: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/109870. Accessed on: 10 jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.109870

CC BY